

DIADORIM E A CRÍTICA LITERÁRIA NO SÉCULO XXI

Eixo Temático ET 23 - Identidades e (Não)Representatividades de LGTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil

Profa. Dra. Moíza Fernandes Almeida¹

Prof. Dr. Carlos Clamote Carreto -Orientador do Trabalho²

RESUMO

Abordamos nesta comunicação, a personagem Diadorim de **Grande sertão: veredas** de Guimarães Rosa (1956), a repensar o estigma que pesa sobre a personagem atrelada ao mito da “donzela guerreira”. Para isso, analisamos a visão da crítica literária nacional sob o ponto de vista de pesquisadoras, notadamente mulheres, e seus lugares de fala, em um recorte das duas primeiras décadas do século XXI. Contrapomos suas análises com conceitos de pesquisadores na área dos estudos Queer, tais como Judith Butler que abrem possibilidade de outras leituras para a personagem que enquanto viva mostrou ser um jagunço transmasculino. Tais implicações catapultam a personagem ao nível de um ícone na Literatura Brasileira em questões de visibilidade de minorias LGTBQIA+ e da dignidade póstuma.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas, Donzela Guerreira, Teoria Queer.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de este trabalho é fruto de um estágio pós-doutoral, na FCSH da UNL - PT, com vista a aprofundar e abrir epistemologicamente uma revisão crítica do quadro teórico sobre Estudos de Género envolvendo reconfigurações identitárias motivadas por uma biopolítica do género; construir as bases de uma reflexão crítica, no âmbito da teoria da literatura, sobre as relações poéticas e metafóricas entre identidade textual e identidade sexual a partir de uma reavaliação exegética e cultural da obra Grande Serão: Veredasⁱ de Guimarães Rosa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre o referencial teórico, destacamos a Crítica feminista e a Teoria Queer sobre “identidade”.

¹ Doutora em Letras pela PUC-Rio e Pós doutora pela UNL-PT, moizalmeida@gmail.com.

² Professor orientador: Dr Carlos Clamote Carreto, IELT – UNL-PT, ccarreto@fcs.unl.pt.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos uma análise da Crítica Literária Brasileira a respeito da personagem Diadorim em seis temas: A influência paterna; “A metáfora da mulher moderna”; “A renúncia da condição de mulher”; “A mulher escondida”; “A donzela guerreira”; e “A mulher morta”.

Diadorim e a influência paterna

Segundo Nietzel (2004, p. 48), Diadorim é uma personagem “impossibilitada de exercer seu papel de mulher”, e, o pai, o responsável pela androgenia da filha. Enquanto uma personagem “estéril”, Diadorim é vista como “anormal” e o pai ocuparia a função de guiar e corrigir quaisquer “desvios”, implantar o lícito e silenciar o ilícito (FOUCAULT, 1994), sob o ponto de vista da sexualidade pautada na família conjugal com vista a função de reprodução. Contudo, pouco se sabe da continuação da vida infantil à adulta da personagem: “- ‘Você era menino, eu era menino... Atravessamos o rio na canoa...Nos topamos naquele porto. Desde aquele dia é que somos amigos” (GSV, p. 172). A chegada à maturidade da personagem é uma lacuna. Não há “pistas” que levem seu leitor a decifrar as razões pelas quais Diadorim se apresenta na obra como menino e mais tarde como o jagunço Reinaldo.

Nietzel (204) acredita ainda haver uma sexualidade “verdadeira” camuflada por detrás da aparência de homem de Diadorim: “Riobaldo recebe infinitas pistas da verdadeira sexualidade de Diadorim, elas palmilham todo o romance – são seus gestos delicados, as mãos finas e brancas, a aparência clara, os olhos verdes que o encantam”, fatores que, segundo a pesquisadora, definiriam a condição feminina da personagem.

Diadorim, metáfora da mulher moderna”

Segundo Nogueira (2006, p. 61), “O sujeito é constituído no gênero em razão do sexo a que pertence”, assim, não há alternativa, Diadorim pertenceria a categoria “mulher” ainda que sob o aspecto masculinizado de jagunço a desempenhar um papel dessemelhante ao desejado para sua condição. Contudo, “o paradoxo interno desse fundamentalismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios “sujeitos” que espera representar e libertar” (BUTLER, 2018, p. 256).

Nogueira (2006, p. 62), afirma ainda que Diadorim assume caráter universal pois assemelha-se, metaforicamente, com a “aventura” da mulher moderna que, muitas vezes obrigada pelas circunstâncias e outras vezes por opção própria, abre mão da condição feminina patriarcal [...] para se atirar à questão de sobrevivência. Voltando a Butler (2018), o termo “mulher” não logra ser exaustivo porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente e estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades, e é

impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. Desta feita, afirmar Diadorim à categoria “mulher” não cobre a dimensão da personagem.

Almeida e “a renúncia da condição de mulher em Diadorim”

Para Almeida (2012), Diadorim personifica a Donzela guerreira ao lado de outras que, “em nome do pai, renunciaram a sua própria condição de feminilidade, mas se diferencia delas porque essas donzelas recuperaram sua condição ao se entregarem ao amor, já Diadorim morre sem assumir sua condição de mulher” (*Ibidem*, p. 274). De fato, Diadorim é enterrada entre os demais jagunços como homem oposto ao que diz o mito da “donzela Guerreira”, cujo desfecho se dá pela descoberta da “verdadeira identidade” da donzela em um epílogo feliz, recompondo o equilíbrio que havia sido quebrado; ou com a morte que revelaria sua identidade anterior. No caso, não há uma abertura que a apresente como menina/mulher: “- ‘Você era menino, eu era menino” (GSV, p. 172). Contudo, Almeida (2012) acredita que Riobaldo desconfiasse desde sempre da condição de Diadorim:

[...] é interessante perceber como a figura feminina vai sendo revelada até o momento que Riobaldo descobre que Diadorim é, de fato, uma mulher. Essa descoberta vem, de certa forma, justificar seu sentimento e, ao mesmo tempo, corroborar, em uma sociedade patriarcal, sua condição de macho que “farejou” uma fêmea mesmo por baixo da “carapaça” que lhe escondia a feminilidade (ALMEIDA, 2012, p. 2).

A pesquisadora fala ainda da relação paterna, para quem o pai impôs, desde a infância, a condição de homem com a justificativa de protege de assédios sexuais dos jagunços, mas há a questão inegável da omissão da paternidade, afinal, Diadorim não compunha o bando de Joca Ramiro e nada se sabe sobre a relação entre os dois, sendo o cadáver da personagem a “chave” do enigma Diadorim.

A “mulher” escondida

Galvão (2019), coloca Diadorim no rol das donzelas guerreiras por ser filha de pai sem concurso de mãe, de destino assexuado, sem amante nem filho, tal qual um “desvio”, abandonada pela natureza por “inviabilidade”. Sua potência vital seria voltada para o pai, de forma que a impediria de tomar outro homem, como se aparentasse ser uma mulher adulta no sentido anatômico, mas imatura por estar presa ao laço paterno, mutilada nos papéis que a natureza/sociedade “oferecem” a mulher. Desta forma, Galvão (2019) fala do “lugar tradicional” da



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

mulher pela perspectiva da “falta”, da “atrofia”, do “inverso” do homem, negligenciando uma “especificidade” fundante na perspectiva de um outro gênero diferentemente de uma cópia a partir de um modelo único. Afirma sua condição de “mulher escondida” atrelada a “Natureza como destino” e retrata as mulheres como “menos” favorecidas pelo ponto de vista libidinal, naturalmente frígidas, passivas, tal qual houvesse uma “chave binária das características sexuais” (BUTLER, 2018) responsável pela natureza de todos, porém em GSV, Diadorim é “O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível” (GSV p. 174). Ter descrito a personagem como um homem demonstra, por parte do autor, a intenção de moldar uma personagem não circunscrita a um caráter biológico, mas como uma subjetividade avesso a noção binária (mulher, não-homem). Segundo Butler (2018), o “feminino” não é uma noção estável e seu significado é tão problemático e errático quanto o de “mulher”, e os termos não são sinônimos, mas relacionais: “o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (*Ibidem*, p. 21), o que confirma Foucault (1994), ao afirmar que questões de identidade são, por natureza, ligadas a uma raiz política que fundamenta a sociedade heterossexual

Uma “donzela guerreira”

Lima (2019) traz o tema da donzela guerreira em torno da personagem Diadorim:

Por meio do mito da donzela guerreira podemos observar como ocorre a conservação e ao mesmo tempo, a ruptura dos valores patriarcais, a inversão de papéis e como isso influi na vida e na percepção da figura feminina. A obra expõe a situação da protagonista que foi inicialmente impelida pelo pai a adotar a configuração masculina para se proteger e crescer no meio social hierarquizado dos jagunços e depois motivada a continuar transvestida para vingar a morte do pai, ou seja, lutar em nome do pai. Ela não pode vivenciar a feminilidade e assumir o amor que nutria por seu parceiro de luta (LIMA, 2019, p. 7).

Podemos verificar o empenho em “provar” a influência paterna na aparência masculina da personagem tal qual um “escudo” de sobrevivência, de forma “a provar para si mesma que era capaz de lutar como jagunço, de superar a condição de mulher imposta a todas as mulheres e de não aceitar o assédio sexual a não ser por livre vontade dela” (*Ibidem*, p. 38).

Segundo a pesquisadora:

No âmbito das donzelas guerreiras, as moças adotam o ato de transvestir-se na ocasião de o pai não ter um filho homem ou mais velho para substituí-lo na guerra e lutar em seu nome [...], isso não ocorre a Diadorim, que foi ensinada desde muito jovem a assumir o personagem Reinaldo com os trejeitos masculinos, esconder suas formas, aprender a montar e atirar ao passo que uma menina comum lidaria com os ensinamentos da vida doméstica (LIMA, 2019, p. 38).

Notemos que Diadorim foi desde sempre um menino, de forma que inexistiu uma problematização que tenha levado a personagem a se sacrificar em nome do pai e seu desfecho é ser enterrada como homem entre os demais jagunços sob o codinome Reinaldo.

Joca Ramiro, seria para Lima (2019) a resposta para o enigma: “Diadorim tem o pai como cúmplice, o único que sabe sua verdadeira identidade sexual” (Lima, 2019, p. 39), assim, ao se referir sobre a identidade sexual da personagem, a pesquisadora exprime sua expectativa em torno de um gênero inteligível (Louro, 2004) no qual sujeitos seriam macho/homem ou fêmea/mulher. Para Lima (2019), “a filha unigênita busca cumprir com os propósitos de seu pai” (*Ibidem*, p. 38), nesta lógica, “Joca Ramiro transveste a filha numa forma de mantê-la perto, preservar a integridade da jovem e ainda conseguir respeito no meio aonde viviam” (LIMA, 2019, p. 39), mas vale ressaltar que Diadorim e Joca Ramiro aparecem juntos em um único episódio, a do julgamento de Zé Bebelo, e não há evidências que demonstrem um tratamento diferenciado a filha.

Diadorim, “mulher-morta”

Tiburi (2013) afirma Diadorim como “mulher” sob uma ótica biopolítica contemporânea, na qual a função patriarcado seria “tanto a de gozar sobre o corpo morto de uma mulher quanto devolvê-la à sua suposta natureza doméstica e antipolítica” (TIBURI, 2013, p. 191). Para a pesquisadora, enquanto viva a personagem aparece como homem; morta é o corpo de uma mulher, arquetípica do topos da mulher/morta. Segundo ela, há:

[...] um modo de morrer masculino e um modo de morrer feminino que determinam papéis de gênero. Certo é que a morte dos homens também é narrada, mas enquanto ela os faz heróis na transcendência da mera vida, a morte das mulheres não as torna heroínas, antes serve para recolocá-las em seu lugar, a de ser doméstica a viver na penumbra da casa. Devolvê-las ao lugar de onde saíram, à sua “natureza de mulher”, eis o papel da morte na tragédia de um modo geral, segundo a visão de Loraux, e, a meu ver, da morte de Diadorim (TIBURI, 2013, p. 192).

Acrescenta que a personagem precisaria ter sido revelada “mulher” e conclui que “a morte de Diadorim oferece uma espécie de perdão heterossexual a Riobaldo” (TIBURI, 2013, p. 193), em outras palavras, sugere que sua morte seria a solução do autor “para dar ganho de causa à tradição pois que a figura de Diadorim mulher e morta seria “o emblema que tanto vem revelar o desejo de um homem por uma mulher quanto vem “tapar” o desejo do homem por outro homem” (*Ibidem*, p. 195).

Vale destacar que sua vestimenta de jagunço “coube-lhe muito bem” (TIBURI, 2013, p. 198),

A morte de Diadorim justifica-se, assim, na transgressão das regras, na queda na *hybris* que caracteriza o herói trágico sempre vitimado pelo destino que as mulheres de GSV não ousam combater: permanecem no papel que lhes concerne, seja o de prostituta, o de esposa, seja o de noiva. Essa regra, a de ser mulher, envolve um papel: uma vestimenta, um comportamento. Diadorim usou outra roupa e agiu de outro modo transcendendo o papel a que tinha sido destinada por certa anatomia, assim, teve que pagar com a vida, na “matabilidade” da “mera vida” contra a qual ela tinha se colocado ao ser “outro” que apenas mulher (*Ibidem*, p. 200).

De forma que a personagem se mostra como “dessemelhate”, nem homem, nem mulher, como nos ensina Riobaldo, o narrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Crítica Literária, contra o próprio texto, parece empenhada em simplificar e/ou silenciar as transgressões que não se propõe a resolver, preservando oculto travestilidades transgressoras e optando pelo culto às “santas disfarçadas”, como um argumento mais palatável (MAIA, 2019, p.104). Desta forma, parece-nos que não se esgotou tudo o que há a se pesquisar sobre Diadorim e a obra GSV que segue atual e desafiadora sob o olhar dos estudos Queers no século.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. **Diadorim e a projeção do feminino através da natureza**, em Grande sertão: veredas. Rios Eletrônica (FASETE), v. 1, p. 19, 2012. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2012/6/diadorim_e_a_projecao_do_feminino_atraves_da_natureza_em_grande_sertao.pdf> Acesso em: 17/05/2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminino e subversão de identidade**. Trad. Renato Aguiar. 16ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Antropos, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O certo no incerto: o pactário. In: ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 22ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 455-458.

LIMA, Gicele Geneale Santos de. Diadorim e o mito da donzela-guerreira: uma leitura de Grande Sertão: Veredas. 2019. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2394/1/tcc_gicelegenealesantosdelima.pdf> Acesso em: 04/05/2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MAIA, Helder Thiago. (2019). **Trangressões canônicas**: Queerizando as donzelas-guerreiras. Cadernos de Literatura Comparada, (39), 91–108. Disponível em: <<https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp39a6>> Acesso em: 07/05/2022.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **Mulheres Rosianas**. São Carlos: UFSC, 2004.

NOGUEIRA, Nícea Helena. A valorização paterna pela personagem Diadorim em Grande sertão: veredas. In: Guimarães Rosa: O regional e o universal. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v.5, n.9. 2006, p.60-67.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19^a. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TIBURI, Márcia Angelina. **Diadorim**: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 21, p. 191-207, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/gJd56x5hZM3fHGfHVcRDsPv/?lang=pt#>>. Acesso em: 02/01/2022.

ⁱA obra Grande sertão: veredas é citada em: ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 19a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Doravante referida pelas iniciais GSV mais página.